

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EMILLY DA SILVA OLIVEIRA

**UNIVERSITÁRIOS CONCLUDENTES E SAÚDE MENTAL: UMA ANÁLISE
DAS EXPECTATIVAS DE EMPREGABILIDADE DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS
ADULTOS JOVENS**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

EMILLY DA SILVA OLIVEIRA

**UNIVERSITÁRIOS CONCLUDENTES E SAÚDE MENTAL: UMA ANÁLISE
DAS EXPECTATIVAS DE EMPREGABILIDADE DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS
ADULTOS JOVENS**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à Coordenação
do Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Alex Figueirêdo
Da Nóbrega

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

EMILLY DA SILVA OLIVEIRA

**UNIVERSITÁRIOS CONCLUDENTES E SAÚDE MENTAL: UMA ANÁLISE
DAS EXPECTATIVAS DE EMPREGABILIDADE DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS
ADULTOS JOVENS**

Este exemplar corresponde à redação
final aprovada do Trabalho de Conclusão de
Curso de EMILLY DA SILVA OLIVEIRA.

Orientador: Prof. Me. Alex Figueirêdo
Da Nóbrega

Data da Apresentação: 15/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Alex Figueirêdo Da Nóbrega

Membro: Profa. Esp. Larissa Vasconcelos Rodrigues/UNILEÃO

Membro: Profa. Dra. Emília Suitberta de Oliveira Trigueiro/UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

UNIVERSITÁRIOS CONCLUDENTES E SAÚDE MENTAL: Uma análise das expectativas de empregabilidade de alunos universitários adultos jovens

Emilly Da Silva Oliveira¹
Alex Figueirêdo Da Nobrega²

RESUMO

O tema de pesquisa a ser trabalhado nesse artigo são as expectativas de empregabilidade dos universitários adultos-jovens que estão no último ano da faculdade e como esse período pode estar relacionado com possíveis sintomas de ansiedade. Estudos confirmam que a avaliação individual dos graduandos e graduados pode ocasionar sofrimento psíquico quando relacionado com a responsabilidade depositada em si sobre seu sucesso e fracasso no mercado de trabalho. Dessa forma, foi realizada uma pesquisa exploratória através de um questionário estruturado, elaborado pela autora, realizado de forma virtual, onde foram coletados dados sociodemográficos, questões acerca das expectativas de empregabilidade e utilizado o teste *Mini International Neuropsychiatric Interview* (MINI). A amostra foi composta por universitários jovens adultos entre 21 e 30 anos de todos os gêneros. Para analisar os dados, foi utilizado o pacote estatístico IBM SPSS 20 para a elaboração de estatísticas descritivas e depois foi feita uma análise qualitativa baseada no referencial bibliográfico. No geral, os resultados obtidos mostram que há uma relação entre uma autopercepção e expectativas mais negativas e porcentagens mais elevadas de transtornos de ansiedade. Isso aponta para a necessidade de implantação de rede de apoio em saúde mental e de programas voltados para a preparação da transição para o mercado de trabalho, possibilitando que esses processos ocorram de formas mais saudáveis.

Palavras-chave: Saúde mental. Expectativas. Empregabilidade. Universitários. Adulto-jovem.

ABSTRACT

The objective of this research to be worked on this project is the expectations of young-adult college students employmentability that are in the last year of college and how this period can be related with possible symptoms of anxiety. Studies confirm that in some way the individual evaluation of the graduates and graduatings may cause psychic suffering when related directly to the responsibility deposited on them selves about their failure or successfulness on the jobmarket. That way it was realised an exploratory research through an structured questionnaire elaborated by the author with questions about expectations of employability with utilization of the test Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI) realized in virtual manners where was collected socio demographic data. The targeted audience were young-adults college students between 21 to 30 years of all genres. To analyse the data was utilized the statistical package IBM SPSS 20 to elaboration of describe statistics and then in qualitative ways based on bibliographic references. In general the results gathered shown that are relation between the young adults that have the self perception and more negative expectations tend to have higher percentages in related to the anxiety disorders. This suggest the necessity of an mental health-care and network implementation to support the preparation to job market allowing that these process may occur in healthy ways.

Keywords: Mental health. Expectations. Employmentability. College students. Young-adult.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: emillydsoliveiras@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: alexfigueiredo@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A partir da observação empírica do cenário vigente, percebe-se como é notório que as expectativas de futuros empregos na própria área de graduação traz desconforto para os jovens estudantes, visto que nessa idade os sujeitos são pressionados iniciar a conquistar as metas sociais da vida adulta contemporânea. Há poucos estudos no Brasil que discutem temas relacionados as expectativas de empregabilidade dos universitários concludentes. A situação econômica que a população se encontra, diante do momento de pandemia, é drástica nos âmbitos econômico, político e social, e isso pode produzir fatores estressantes adicionais para esses sujeitos.

Formas de buscar empregos, elaboração de currículos e estratégias de enfrentamento de processos de seleção, são habilidades específicas relacionadas ao mercado de trabalho que os formandos não desenvolveram (TEIXEIRA; GOMES, 2004, p. 16)

Melo e Borges (2007) descrevem em seus estudos, que algumas avaliações individuais, de certa forma, podem ocasionar sofrimento psíquico aos graduandos e graduados ao associar a responsabilidade que deposita em si ao seu sucesso e fracasso no mercado.

Na atualidade, devido aos crescentes estudos epidemiológicos e desenvolvimento de critérios diagnósticos, aumentaram consideravelmente a visibilidade e a atenção da saúde direcionada ao adoecimento mental, ademais a prevalência de problemas relacionados à saúde mental representa cerca de 13% do total das comorbidades mundiais (BAXTER, 2013 apud MURCHO; PACHECO; JESUS, 2016). Segundo o Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) estes “transtornos mentais estão frequentemente associados a sofrimento ou incapacidade significativos que afetam atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes.” (APA, 2014, p. 96)

Foi percebido o aumento acentuado dos quadros de adoecimento mental nas pesquisas realizadas que foram relacionadas à investigação dos efeitos negativos da doença COVID-19 em diferentes países (FARO, 2020)

Torna-se relevante também agregar reflexões sobre o expansivo viés neoliberal que se faz expresso na cultura do país, ao utilizar da ideologia de meritocracia e estimular a competitividade entres os indivíduos. Gerando, assim, essa faceta do capitalismo que contribui para o adoecimento da população.

Caracteriza-se como objetivo principal desse trabalho analisar a relação entre as expectativas de empregabilidade dos universitários concludentes com possíveis sintomas de ansiedade. Os objetivos específicos se desenrolam em analisar referencial bibliográfico sobre

impactos e reflexões dos estudantes relacionados a conclusão de seu curso de graduação; categorizar as expectativas de empregabilidade dos estudantes universitários diante da conclusão do curso para o ingresso ao mercado de trabalho e relacionar as expectativas profissionais dos estudantes concludentes com ansiedade durante o período de pandemia.

Com os dados obtidos através dessa pesquisa de campo, esse artigo pretende trazer o foco para a saúde mental dos estudantes concludentes e como sua subjetividade pode ser afetada, servir como material bibliográfico para a comunidade científica e além disso, instigar a possibilidades de estabelecimento de programas nas instituições de ensino superior de para o enfrentamento das dificuldades encontradas pelos discentes que estão finalizando o processo da graduação.

2 SAÚDE MENTAL DOS UNIVERSITÁRIOS ADULTOS-JOVENS E A SUA TRANSIÇÃO PARA O MERCADO DE TRABALHO

2.1 ADULTOS-JOVENS NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Se faz necessário conceituar o público-alvo escolhido, o adulto jovem, de forma a proporcionar um sentido nas discussões acerca do ingresso desse público no mercado de trabalho, a saúde mental destes que estão concluindo a graduação, o viés econômico da sociedade atual e o período pandêmico. Sendo assim, o público que se encaixa na pesquisa será o que está iniciando o processo de recentralização ou identidade adulta, aqueles que apresentam 21 a 30 anos.

Segundo Erik Erikson em sua teoria do desenvolvimento psicossocial, há uma fase chamada “Intimidade X Isolamento” a qual se refere aos adultos jovens, de 21 a 40 anos, em que já se estabeleceu sua formação de identidade na fase anterior chamada “Identidade vs Confusões de papéis” em que se sente representado (VERISSIMO, 2002) Como explana Papalia e Feldman (2013, p. 485-486) “o início da vida adulta oferece uma moratória, ou um alívio, das pressões do desenvolvimento e permite aos jovens a liberdade de experimentar vários papéis e estilos de vida.” Apesar dessa estabilidade, essa nova fase traz um aspecto crucial de responsabilização e compromissos o qual os papéis de adulto vão se cristalizando (PAPALIA; FELDMAN, 2013 p. 485-486)

De acordo com o autor Veríssimo (2002) é nessa perspectiva que nessa fase adulta jovem os indivíduos buscam as relações de maior intimidade e de compromisso, e assim ultrapassam essa fase da vida que traz uma experimentação de novas relações.

Como explana Papalia e Feldman (2013, p. 485-486) “o início da vida adulta oferece uma moratória, ou um alívio, das pressões do desenvolvimento e permite aos jovens a liberdade de experimentar vários papéis e estilos de vida.” Apesar dessa estabilidade, essa nova fase traz um aspecto crucial de responsabilização e compromissos o qual os papéis de adulto vão se cristalizando (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 485-486) O conceito de adulto-jovem está no resultado potencial do processo de recentralização, que Papalia e Feldman (2013) caracteriza pela passagem do primeiro estágio que é estabelecido no sujeito maior autoconfiança, no segundo estágio o indivíduo está comprometido seriamente em vários âmbitos e procura recursos para sustentá-los, e por fim o estágio final a chegada da vida adulta com sua independência da família nuclear.

O jovem atual é caracterizado por buscar o *status* de adulto, onde este sujeito segue o percurso de sua identidade profissional, desejando autonomia nas próprias decisões e profissionais, independência e participação ativa na sociedade através do trabalho (BORGES; MELO, 2007)

Os autores Agulló-Tomás (1997) e Sanchis (1997) citados Borges e Melo (2007) corroboram com a ideia de que há uma mudança no modelo de vida do jovem ao se tornar adulto. Visto que tradicionalmente a conclusão da escola para o trabalho era curta, o que proporcionava a emancipação do jovem da sua família de origem e possibilidade de uma vida própria. Dessa forma, dedicar-se ao ensino superior gera um prolongamento no processo estabilidade financeira o que significa ser dependente nos primeiros anos de transição ao mercado de trabalho (BORGES; MELO, 2007 apud GAZO-FIGUERA, 1996)

Corroborando com essa ideia Rosset citado por Fernandes (2003) explana que devido a adolescência estendida, que Osório e Valle (2009, p. 264) mencionam como um fenômeno da atualidade, na qual indivíduos cronologicamente adultos permanecem morando na casa dos pais sem trabalhar. E nessa situação, gera-se um padrão onde os filhos assumem que estão em preparação e os pais sobrecarregados pelas despesas, cobram de alguma maneira melhor desempenho profissional dos filhos. Semelhante a essa ideia Arnett (2000) citado por Texeira e Gomes (2004) definem o que conceituam como uma “adulter emergente” na qual os indivíduos nessa fase de transição não se veem mais na fase da adolescência, nem na fase propriamente adulta.

2.2 SAÚDE MENTAL DOS UNIVERSITÁRIOS

Padovani et al. (2014) mostra que desde o ingresso na instituição de ensino superior, os universitários nesse novo ambiente são cobrados a desempenharem suas habilidades cognitivas e comportamentais. Foi apontado em estudo que a importância da reflexão sobre o processo de adaptação do universitário que ingressou no ensino superior logo depois da saída do ensino médio e como pode ser um fator de estresse quando estes sujeitos adentram nesse novo ambiente se deparando com novos colegas e professores, outros tipos de regras e novas formas de aprendizagem que demanda autonomia e responsabilidades (TARNOWSKI; CARLOTTO, 2007 apud PADOVANI et al., 2014)

Verifica-se que por conta de das horas de estudos, cobranças pessoais, de professores e familiares, os universitários são expostos a uma grande carga de estresse (SGARIBOLD; PUGGINA; SILVA, 2011 apud SANTOS; SIMÕES, 2019)

O Fórum de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) que realiza pesquisas e emite relatórios sobre o perfil dos estudantes nas universidades federais, apresentou em 2014 resultados que revelaram que 79,8% dos universitários relataram passar por dificuldades emocionais no último ano e a ansiedade foi a dificuldade emocional mais assinalada pelos estudantes apresentando uma porcentagem de 58,36% (CASTRO, 2017)

Além disso, estima-se que “entre 14% a 19% de universitários podem apresentar algum transtorno psicológico durante a vida acadêmica.” (CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA apud SANTOS; SIMÕES, 2019, p. 2)

Os jovens se deparam com inúmeras variáveis que podem influenciar no planejamento profissional futuro na área de formação, dentre estas, não controláveis, tal qual a quantidade de oferta de trabalho na profissão escolhida, a economia regional, a competitividade do mercado, etc (BARDAGI; BOFF, 2010) Nessa perspectiva de percepção do meio, os autores Pekmezovic et al (2011) citados por Padovani et al (2014) alegam que durante a própria graduação, o estudante que tem capacidade de decisão, otimismo, identidade e orientação para o trabalho representam uma maior satisfação com a sua vida acadêmica, além de bom rendimento e atividades desenvolvidas no curso.

Em sua pesquisa, com alunos universitários concludentes de cursos de saúde de faculdades públicas e privadas e a correlação com níveis de ansiedade, durante os anos de 2013 e 2014, os autores Santos e Simões (2019) mostram em seus resultados ao mesmo tempo que afirmam a sua hipótese inicial, de que já era de se esperar desses público-alvo um perfil moderado ou grave de ansiedade. Dessa forma, devido aos resultados encontrados, se faz necessário políticas de saúde a esse público-alvo de forma a visar uma maior qualificação dos

profissionais confiantes para a melhoria do serviço ofertado à população e também dos próprios universitários (SANTOS; SIMÕES, 2019)

2.3 CONTEXTO NEOLIBERAL

O neoliberalismo que é uma faceta do capitalismo que vivenciamos, este está para além de uma política econômica, de tal forma que consiste em impor a lógica do capital a se desenrolar na forma das subjetividades e na norma das existências (DARDOT; LAVAL, 2020 apud JUNIOR, 2020)

Segundo Júnior (2020), o período neoliberal vivenciado atualmente que está pautado na vontade individual sobre suas próprias escolhas a falha sugere fraqueza, incompetência, covardia e falta de vontade. Belmino (2020, p. 86) afirma que “toda leitura política tem, como solo que funda essa questão, uma teoria da natureza humana.” Sendo assim, a definição de sujeito que o neoliberalismo compreende é que estes devem se responsabilizar por suas ações e consequências destas, dessa forma, se ele falha ou é bem sucedido o mérito (ou demérito) é totalmente dele. Pensar um viés que legitime a liberdade e responsabilidade individual como pauta de governo é prioridade do neoliberalismo (JUNIOR, 2020, p. 286)

O autor Júnior (2020, p. 279) também cita Dardot e Laval (2020) onde estes relatam como a herança neoliberal afetou “profundamente a própria sociedade, instalando em todos os aspectos das relações sociais situações de rivalidade, de precariedade, de incerteza, de empobrecimento absoluto e relativo”. Essas relações podem desfavorecer mais ainda o processo de independência dos universitários concludentes adultos jovens, isto porque, além da falta de emprego, os autores Teixeira e Gomes (2004) afirmam que ainda que o indivíduo recém-formado consiga se inserir no mercado de trabalho, é conveniente residir com os pais para evitando o risco de assumir de imediato uma vida economicamente independente.

Além disso, o ideal de mercado que os jovens se deparam é com um ambiente altamente competitivo e baseado na meritocracia, onde “quem se esforça mais, se sobressairá”, o que reduz as formas de cooperação entre profissionais e aumenta a intensidade da concorrência negativas no mercado. Sendo assim, corroborando com a ideia de auto responsabilização de se adaptar as demandas da realidade do mercado de trabalho que tem funcionado de forma individualizada, as quais são depositado toda a culpa para si pelo seu próprio fracasso ou sucesso (TEXEIRA; GOMES, 2004)

Trazendo essa discussão para o âmbito econômico-social, o autor Marx (2006) afirma que os indivíduos agem de maneira isoladas em como forma de solidão, agindo como estranhas

e se relacionando hostilmente onde existe uma sociedade de luta e competição de todos contra todos. Para este autor, a saúde mental tem a ver com o contexto social em que os indivíduos estão inseridos, isto porque afirma que o suicídio é sintoma significativo de uma sociedade doente sendo mais um sintoma da luta social geral.

Ademais, como já mencionado, o processo da graduação pode ser um período de grande estresse vivenciados pelos universitários concludentes e ao chegar no momento de transição para o mercado de trabalho que são vivenciadas pelos formandos como de extrema concorrência e altas demandas podem também corroborar para o adoecimento mental dos futuros recém-formados. Isto porque “as expectativas com o mundo do trabalho se apresentam como importante fonte de desgaste e exaustão emocional” (TARNOWSKI; CARLOTTO, 2007 apud Padovani et al, p. 4, 2014)

Ainda que haja esse fator negativo para a possibilidade de inserção no mercado de trabalho, em estudos de investigação sobre os impactos das dificuldades do mercado de trabalho na representação do futuro profissional, no estabelecimento de projetos pós-universitários e nos níveis de ansiedade e de motivação, os resultados indicaram que as oportunidades percebidas de emprego são vivenciadas diferentemente pelos jovens concluintes do ensino superior em suas atitudes e nos projetos profissionais (NEIVA, 1993; 1995; 1996 apud TEXEIRA; GOMES, 2004)

2.4 A TRANSIÇÃO PARA O MERCADO DE TRABALHO

Dada essa noção de período de possibilidades dos jovens adultos que estão em busca de independência pela via da empregabilidade a partir da graduação em um curso superior, os autores Melo e Borges (2007) afirmam que a transição não se configura apenas da universidade para o mercado de trabalho, mas também é uma das principais trajetórias do jovem para sua própria transição para a vida adulta.

Apesar da relevância da conclusão na vida dos estudantes, é chegado o momento de tomada de decisões e a elaboração de planos para seguir uma carreira profissional baseado na formação. Esse processo mencionado de busca e decisões é chamado de empregabilidade que de acordo com a definição do autor McLaughlin (1995) seria o processo de preparação para a busca de trabalho (MCLAUGHLIN, 1995 apud CAMPOS e FREITAS, 2008)

Dessa forma, a transição para o mercado de trabalho de fato, se mostra como ponto crucial na transição para a vida adulta, isto, como Texeira e Gomes (2004) definem que o jovem irá se deparar com uma nova fase da vida, o que gera um senso de indefinição de si próprio pois este

não se vê mais como estudante e também não é um profissional. Este pode ser caracterizado como um período exploratório onde o jovem analisa todas as possibilidades existentes para atuar em sua profissão e com isso, buscará experimentar-se em diferentes papéis (SUPER; SAVICKAS; SUPER, 1996 apud TEXEIRA; GOMES, 2004)

Concluir um curso de ensino superior é um momento aguardado pelos universitários desde o ingresso destes à graduação e posteriormente, a colação de grau se configura como um ciclo que se fecha revelando a abertura de novas possibilidades e direções diante de um longo processo de aquisição de conhecimentos teóricos e práticos. E apesar da responsabilidade que estes sujeitos assumem ao se formarem, as competências adquiridas através do aprendizado e o desejo de atuar na sua área de graduação, os autores Schiessl e Sarriera (2004) citados por Borges e Melo (2007, p. 378) alegam que ainda “faltam informações aos jovens e a quem lida com eles para melhor enfrentar os desafios e/ou amenizar o impacto das dificuldades na transição universidade-mercado de trabalho”.

3 METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como exploratória em relação ao objetivo, a qual é definida por Gil (2018, p. 56), como uma pesquisa que tem como “propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícitos”. Pela abordagem do problema essa pesquisa será qualitativa e quantitativa, sendo a primeira que tem como ponto de partida números e medidas estatísticas possibilitam a descrição da população e fenômenos, e até mesmo relações entre variáveis e a segunda tem o objetivo de descrever a experiência dos sujeitos e ambientes sociais (GIL, 2018). Por fim, sua fonte de informação é obtida através do campo, onde o mesmo autor descreve como “obtidos no local em que os fenômenos ocorrem espontaneamente, mediante procedimentos como observação, aplicação de questionários e entrevistas.” (GIL, 2018, p. 18)

Para a elaboração do referencial teórico do presente trabalho, foram utilizados artigos encontrados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os descritores utilizados foram “universitários concludentes” e “saúde mental” e os selecionados deveriam ter sido publicados nos últimos 10 anos e na língua portuguesa. Além disso, também foram utilizados capítulos de livros pertinentes aos temas abordados no artigo.

3.2 PARTICIPANTES

O presente artigo tem como público-alvo universitários concludentes dos cursos de graduação das diversas áreas científicas, no período de agosto a dezembro do ano de 2021. Dos 390 universitários que responderam à pesquisa, percebeu-se que as pessoas se identificaram mais como mulheres, representando 82% da amostra, como também os universitários se identificaram majoritariamente como solteiro(a) representando 95% do total. A idade dos participantes variou entre 21 e 30 (conforme definido nos critérios de inclusão), obtendo uma concentração entre 21 e 25 anos (somando 87,9% da amostra).

A maioria desses(as) estudantes (62%) estavam no penúltimo semestre e 8% irão concluir a graduação em menos de um ano, porém estão em semestres diferentes (se deve à reorganização dos semestres que algumas instituições tiveram que fazer em função da pandemia). Dentre as áreas de graduação que mais responderam ao questionário 21,9% é da Ciências da Saúde e 33,7% das Ciências Humanas. A amostra ficou equilibrada quanto ao tipo de instituição (pública ou privada), sendo de universidade privadas e o restante de instituições públicas. Além disso, 32,1% destes estudantes concluíram seus estudos em instituições privadas, 30,1% concluíram em instituições públicas e 37,8% concluíram em ambas. Os dados também mostram que 36% dos estudantes ingressaram na universidade via Sistema de Seleção Unificada (SISU) e 18,9% representam a quantidade de estudantes que permanecem nas instituições sem nenhum tipo de bolsa ou financiamento dos estudos.

3.3 INSTRUMENTOS

O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi um questionário realizado de forma virtual pelo Zoho Forms distribuído através de contatos informais (disponível no link <<https://forms.zohopublic.com/emillydsoliveiras/form/UNIVERSITRIOSCONCLUDENTES>>). O questionário foi divulgado no mês de novembro e fechado depois de 3 dias devido a quantidade de respostas terem sido alcançadas.

Primeiramente, foram elaboradas questões acerca dos dados sociodemográficos dos participantes e posteriormente, seguidas de perguntas sobre expectativas positiva e negativas em relação a empregabilidade, criadas pela autora.

Para avaliar os sintomas ligados a transtornos ansiosos, foram utilizadas cinco subescalas do *Mini International Neuropsychiatric Interview* (MINI), que avaliavam transtorno do pânico (17 itens), agorafobia (2 itens), ansiedade social (4 itens), transtorno do estresse pós-traumático (15 itens) e transtorno de ansiedade generalizada (8 itens). Neste instrumento os

participantes devem indicar a intensidade de cada sintoma apresentado a partir de uma escala de resposta que varia de 0 a 4, sendo mais brandos quanto mais perto de 0, e mais graves quanto mais perto de 4.

O link para o acesso à pesquisa foi disponibilizado através de contatos informais pelas redes sociais. Os participantes tiveram seus direitos assegurados pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e antes de prosseguir para a página contendo os itens do instrumento, eles tinham que concordar clicando em uma caixinha no final do documento. Além disso, o projeto foi submetido ao comitê de ética e aprovado, com o número do parecer 51908421.6.0000.5048.

3.4 PROCEDIMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram exportados para o Microsoft Excel e, em seguida, exportados novamente para o Pacote Estatístico para Ciências Sociais (IBM SPSS, v. 20), a partir do qual foram realizadas estatísticas descritivas, como frequências simples, medidas de tendência central e de dispersão, bem como análises comparativas através dos testes *t*, análise de variância e o qui-quadrado.

O cálculo do escore de cada participante nas subescalas do MINI foi obtido a partir da média simples de pontos marcados em cada item. Ou seja, calculou-se os pontos obtidos em cada escala separadamente, em seguida, dividiu-se essa soma pela quantidade de itens existentes. Por exemplo, no caso do transtorno do pânico, somou-se o valor marcado em cada item e dividiu-se por 17 (que era o total de itens da subescala). Dessa forma, obteve-se um escore para cada subescala.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS

A concentração da idade dos estudantes entre 21 e 25 anos sugere que o ingresso na universidade está notoriamente numa idade jovem isso pode ser relacionado ao estímulo que os adolescentes estão tendo cada vez maior de ingressarem na universidade assim que saem do ensino médio. As autoras D'avila e Sorares (2003) explanam que há uma corrida por vaga no ensino superior onde mesmo com 15 a 16 anos os estudantes do ensino médio já estão prestando vestibular de forma antecipada.

Os dados em relação a com quem esses estudantes dividem moradia, 64% afirmaram que moravam com os pais apresentando assim disparadamente a porcentagem mais alta e distante das outras. Esse tipo de comportamento além de ser economicamente mais conveniente, Texeira e Gomes (2004) explanam sobre fazer parte da cultura brasileira estender essa permanência na casa dos pais, até depois de já formados, como necessidade de se qualificação mais profissional que tem como função buscar uma melhor colocação no mercado de trabalho e um padrão de vida confortável. Apesar disso, pode ser um aspecto também negativo visto que na pesquisa de Langame et al. (2016) achou-se resultados que evidenciavam que morar em pensão ou com a família desfavorece o rendimento acadêmico do aluno.

No âmbito financeiro, as maiores porcentagens foram representadas por universitários que possuem mais que 1 até 2 salários mínimos (26%) e mais que 2 até 5 salários mínimos (36%). Além disso, a situação financeira em que se encontram atualmente, 70,2% possuem estágio remunerado/emprego formal ou informal. Como também, mostra-se relevante que 18,8% dos universitários nunca trabalhou e a quantidade com mais porcentagem começou a trabalhar entre a idade de 18 a 21 (45,2%).

Dos universitários que possuía salário através de estágio remunerado/trabalho, 67,1% da amostra, 26,8% está estagiando/trabalhando em uma área diferente da graduação atual e 72% está estagiando/trabalhando na área da graduação atual. A avaliação em relação a percepção de trabalhar durante a graduação gerar sobrecarga, 94,9% concorda um pouco ou totalmente. É interessante trazer para reflexão o que a pesquisa de Tombolato (2005) provoca ao realizar uma avaliação de grupo de universitários-trabalhadores com respeito a qualidade de vida, sintomas psicopatológicos e alguns fatores sociodemográficos. Ainda que o instrumento utilizado para avaliar a qualidade de vida seja composto por mais construtos que apenas a sobrecarga utilizado como referência de autopercepção nesse trabalho, a autora não encontra resultados significativos de diferenciação entre os dois públicos. Apesar disso, os resultados revelam que quando correlacionado com estudantes do sexo feminino, na faixa etária entre 18 e 22 anos, com boa condição de saúde ou não, o trabalho se mostra um fator que compromete a qualidade de vida e sintomas psicopatológicos. Ademais, nesse trabalho não foi percebido diferenças significativas entre gênero e idade em relação a sobrecarga de trabalho na vida universitária. Apesar disso, a pandemia pode ter aparecido como um fator estressante a todos devido a nova modalidade *home office* a percepção de trabalho pode ter sido intensificada ou até mesmo no trabalho de forma presencial visto que o ainda existe o medo de ser infectado.

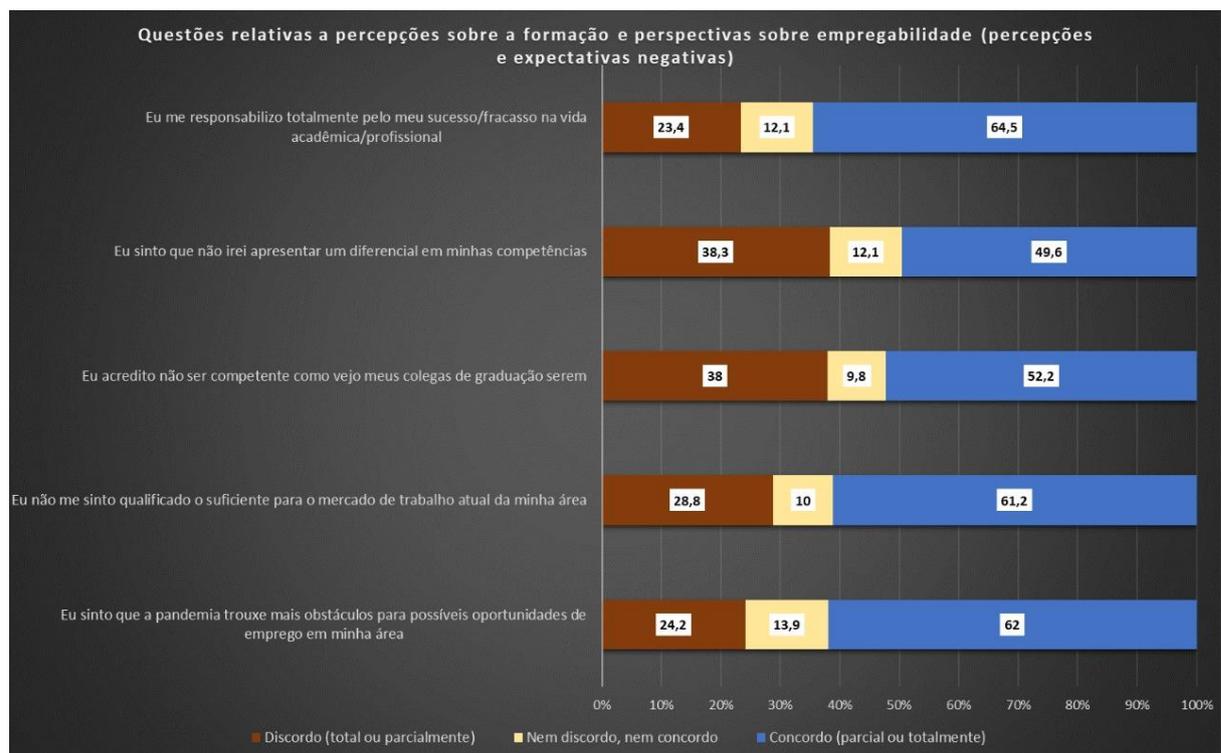
Como também a avaliação em relação a percepção que devido haver menos oportunidades de aperfeiçoamento durante a pandemia (exemplo: programa de monitoria,

projetos de extensão, iniciação científica, ligas acadêmicas, estágios remunerados/não remunerados e afins), 78,2 dos universitários concorda um pouco ou concorda totalmente. Esse fator de diminuição de oportunidades para o envolvimento dos universitários com atividades do curso pode ser desfavorável para a transição saudável (TEXEIRA; GOMES, 2004). Além de que, Capovilla e Santos (2001) citam que os estudos de indicam que as atividades extracurriculares são importantes para o desenvolvimento pessoal dos estudantes universitários, especialmente em aspectos como o raciocínio reflexivo e competência social (TEXEIRA; GOMES apud PACHANE, 2003).

4.2 QUESTÕES DE EMPREGABILIDADE

A figura 1 revela como a amostra geral as respostas negativas foram bastante em relação a concordância entre a maioria dos participantes.

Figura 1 – Questões relativas a percepções sobre a formação e perspectiva sobre empregabilidade (percepções e expectativas negativas)



Fonte: Autora

Percebe-se que as porcentagens em concordância parcial ou totalmente estão acima de 49,6%, e assim, mais que a metade de cada questão negativa comparada aos outros níveis de concordância. Dessa forma, pode ser associado com a perspectiva de Magalhães e Redivo

(1998) citado por Texeira e Gomes (2004, p. 49) que sugerem que parte dos jovens “apresenta dificuldades na elaboração de projetos profissionais e de vida nos anos de universidade”.

Analisando mais detalhadamente esses dados, considerando os vários subgrupos da amostra, observou-se, em relação à afirmativa “Eu sinto que a pandemia trouxe mais obstáculos para possíveis oportunidades de emprego em minha área”, uma diferença significativa entre os estudantes de diversas áreas do conhecimento. Os universitários da área de ciências biológicas concordaram parcial ou total, apresentando 81,20% e os de ciências da saúde concordaram parcial ou totalmente apenas 49,40%. É justificável tal escore ter se apresentado dessa forma devido ao crescimento/demanda elevado do setor durante a pandemia pois tal área é considerada como essencial/linha de frente.

A afirmativa negativa “Eu acredito não ser competente como vejo meus colegas de graduação serem” foi correlacionada com a questão da renda familiar mensal e apesar de não apresentar diferença significativa em relação as outras rendas mais altas, a porcentagem das pessoas mais pobres persiste em ser maior em relação a avaliação negativa sobre si. Além de que as pessoas mais pobres não se sentem qualificadas o suficiente do que as pessoas que apresentam maior renda de mais de 10 salários, na qual a afirmativa “Eu não me sinto qualificado o suficiente para o mercado de trabalho atual da minha área” as pessoas com menor renda familiar mensal apresentaram 74,3% de concordância parcial ou total.

Langame et al. (2016) afirma que de fato as características socioeconômicas influenciam no tempo disponível para estudo/estágio acarretando em aspectos desfavoráveis ao conhecimento do universitário e assim modificando a dedicação do estudante nas atividades de envolvimento com o curso.

Além disso, quando essa afirmativa anterior é correlacionada com que tipo de instituição seus estudos foram concluídos, apresenta o nível de concordância maior com os universitários que concluíram apenas instituições privadas (69,6%).

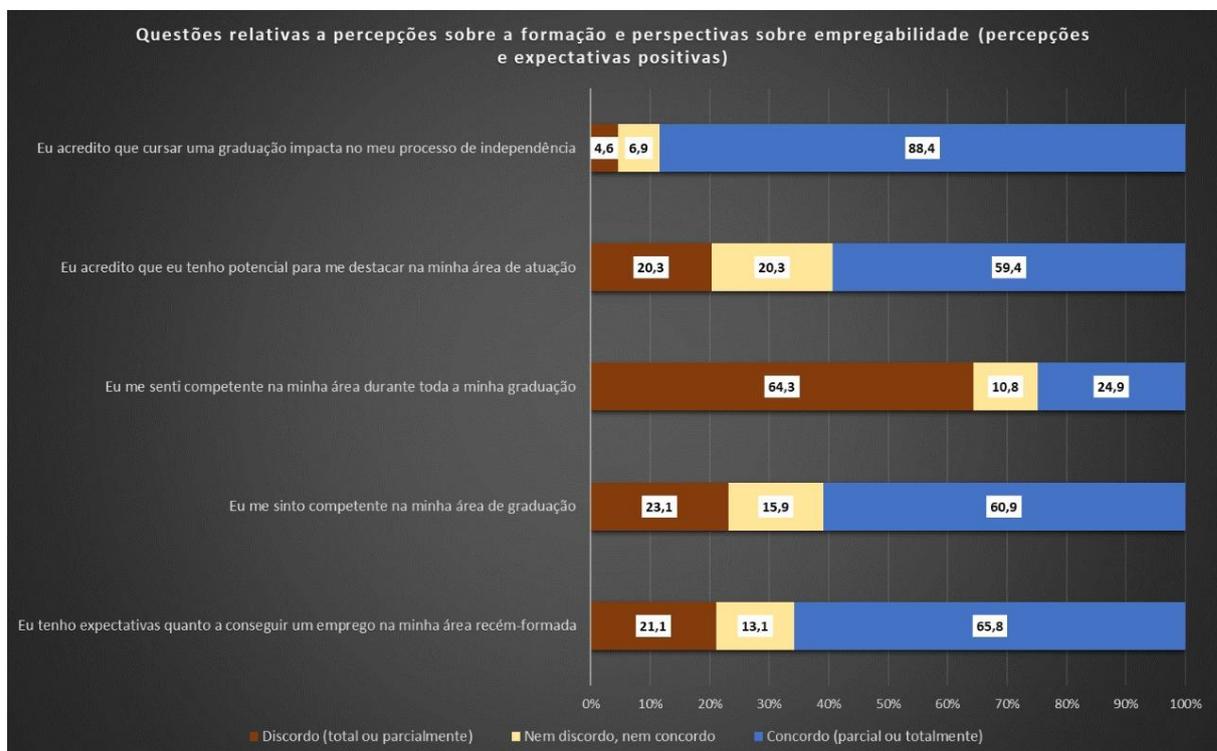
Como também, quando correlacionada com a questão “Com qual idade começou a trabalhar?” a concordância dos universitários está mais concentrada em pessoas que nunca trabalharam até o momento, representando 71,2%.

Se faz relevante dar ênfase ao resultado de que os adultos-jovens entre 21 a 25 anos representarem 66,10% de concordância parcial ou total a afirmativa “Eu me responsabilizo totalmente pelo meu sucesso/fracasso na vida acadêmica/profissional”. Há uma diferença significativa, o que pode mostrar uma maior autorresponsabilidade entre os mais jovens, maior cobrança também ou o estímulo de ingressar numa universidade.

Além dessa correlação, há também uma significativa diferença entre os universitários que concluíram os estudos em escolas públicas de forma que apenas 51,30% concordaram parcial ou total com essa afirmativa, porém aqueles que concluíram em escolas privadas apresentaram 70,40% de concordância. Percebe-se uma diferença significativa, mostrando que os universitários que tiveram uma educação básica toda em escola pública parecem visualizar que a responsabilidade pelo seu fracasso/ sucesso não está só neles, mas talvez já tenham essa percepção de desigualdade, como se já se vissem em desvantagem, apesar das suas capacidades e/ou vontade. Isso pode ser justificado pelo que Teixeira e Gomes (2004) se referem quando explanam que apesar das características pessoais, competência e das habilidades do sujeito, existe também a rede de relações que pode ser bastante desigual devido a questão financeira.

No que diz respeito às percepções e perspectivas positivas em relação à empregabilidade e à própria formação, a síntese das respostas dos participantes é apresentada na figura 2, logo em seguida.

Figura 2. Questões relativas a percepções sobre a formação e perspectiva sobre empregabilidade (percepções e expectativas positivas)



Observa-se que a questão positiva de maior concordância parcial ou total é a “Eu acredito que cursar uma graduação impacta no meu processo de independência” onde representa 88,4% do total. Como já mencionado anteriormente, além do rápido ingresso na faculdade que vem sendo bastante relevante na sociedade, significa também a busca da independência da

família e passagem para a vida adulta que já fazia parte na fase da adolescência (TEXEIRA; GOMES, 2004)

E a de menor porcentagem de concordância, representando apenas 24,9% da amostra, é a afirmativa “Eu me senti competente na minha área durante toda a minha graduação”. Pode-se relacionar essa quantidade de concordância com a hipótese de que ao iniciar um curso de ensino superior há muitas incertezas quanto a própria identificação dos alunos universitários com o curso escolhido, gerando anseios em relação a assertividade de sua escolha em relação ao curso. Além disso, a questão da adaptação a um novo ambiente, quando no caso, demande desses universitários de forma diferente do que costuma ser no ensino médio e também se faça necessário se adaptar/relacionar socialmente com novas pessoas e a não capacidade de realizar isso pode influenciar sua satisfação dentro da universidade. Isso tudo pode estar relacionado com as taxas de sintomas de depressão e ansiedade nos primeiros anos da graduação que Padovani et al. (2014) encontra nos estudos dos autores Bayram e Bilgel (2008). Padovani (2014) também cita que Petersen, Louw e Dumont (2009) sugerem que a responsabilização da universidade prestando apoio aos universitários pode ser um dos pontos bastante relevantes na determinação do desempenho acadêmico e na adaptação do estudante ao novo ambiente da universidade.

4.3 EXPECTATIVAS DE EMPREGABILIDADE E SAÚDE MENTAL

De acordo com a Tabela 1, é notório que o transtorno que prevalece com maiores escores é o Transtorno de ansiedade generalizada (TAG), apresentando as maiores pontuações médias quando correlacionadas com todas as concordâncias parciais ou totais das afirmativas negativas do questionário de empregabilidade.

Tabela 1. Escore médio nos transtornos ansiosos em função das perspectivas sobre empregabilidade

Variáveis				Escore médio nas subescalas:				
A pandemia trouxe mais obstáculos que oportunidades	n válido	Pânico*	Agorafobia*	Ansiedade Social	TEPT*	TAG*		
Discordo parcialmente	94	1,6	1,4	2,0	1,6	2,7		
Nem discordo, nem concordo	54	1,7	1,1	1,9	1,7	2,8		
Concordo parcialmente	241	2,0	1,8	2,1	2,1	3,0		
Total	389	1,8	1,6	2,1	1,9	2,9		
Não me sinto qualificado para o mercado de trabalho	n válido	Pânico*	Agorafobia*	Ansiedade Social*	TEPT*	TAG*		
Discordo parcialmente	112	1,7	1,4	1,9	1,7	2,8		
Nem discordo, nem concordo	39	1,7	1,5	1,8	1,9	2,9		

Concordo totalmente	parcial	ou	238	1,9	1,7	2,2	2,0	3,0
Total			389	1,8	1,6	2,1	1,9	2,9
Não acredito ser competente como meus colegas			n válido	Pânico	Agorafobia	Ansiedade Social*	TEPT*	TAG*
Discordo parcialmente	total	ou	148	1,8	1,5	1,8	1,7	2,8
Nem discordo, nem concordo			38	1,7	1,7	1,8	1,8	2,9
Concordo totalmente	parcial	ou	203	1,9	1,6	2,3	2,0	3,1
Total			389	1,8	1,6	2,1	1,9	2,9
Sinto que não terei um diferencial em minhas competências			n válido	Pânico*	Agorafobia	Ansiedade Social*	TEPT*	TAG*
Discordo parcialmente	total	ou	149	1,7	1,4	1,8	1,7	2,7
Nem discordo, nem concordo			47	1,7	1,5	2,0	1,8	2,7
Concordo totalmente	parcial	ou	193	2,0	1,7	2,4	2,1	3,1
Total			389	1,8	1,6	2,1	1,9	2,9
Eu me responsabilizo totalmente pelo meu sucesso/fracasso			n válido	Pânico	Agorafobia*	Ansiedade Social*	TEPT	TAG*
Discordo parcialmente	total	ou	91	1,7	1,3	1,8	1,7	2,7
Nem discordo, nem concordo			47	1,9	1,8	1,9	1,9	2,8
Concordo totalmente	parcial	ou	251	1,9	1,6	2,2	1,9	3,0
Total			389	1,8	1,6	2,1	1,9	2,9
Eu me sinto competente na minha área de graduação			n válido	Pânico*	Agorafobia*	Ansiedade Social*	TEPT*	TAG*
Discordo parcialmente	total	ou	90	2,1	1,9	2,6	2,3	3,3
Nem discordo, nem concordo			62	2,1	2,0	2,2	2,0	3,0
Concordo totalmente	parcial	ou	237	1,7	1,4	1,9	1,7	2,8
Total			389	1,8	1,6	2,1	1,9	2,9

* Diferença significativa entre as médias ($p < 0,05$).

Isso pode ser justificado pelo que o autor Padovani et al (2014) percebem em sua pesquisa sobre vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário ao realizar uma avaliação de indicadores de saúde mental destes, onde afirma que a prevalência alarmante de problemas psicoafetivos geralmente está relacionada com as expectativas, demandas do mercado e aspirações profissionais e pessoais. Isso não afeta negativamente apenas a saúde, desempenho e qualidade de vida, pode ir além nos âmbitos sociais e familiares (BAYRAM; BILGEL, 2008 apud PADOVANI et al, 2014)

Sendo assim, essa correlação se caracteriza como positiva onde os universitários que tendem a concordar parcial ou total com as afirmativas negativas, têm maiores escores em relação a quase todos os transtornos, como também, os universitários que tendem a concordar

parcial ou total com a afirmativa positiva contida na tabela têm menores escores em relação aos transtornos. Além da própria autopercepção negativa o fator de ansiedade pode influenciar sua vida acadêmica, é sobre isso que os autores Langame et al. (2016) citam que os estudos de Elias, Azevedo e Maia (2009) mostram que os universitários percebem a ansiedade como um dos maiores problemas que interferem no rendimento acadêmico.

É relevante trazer a reflexão sobre as afirmativas negativas que apresentaram as maiores porcentagens, a saber, “Sinto que não terei um diferencial em minhas competências” e “Não acredito ser competente como meus colegas”. Percebe-se que há relação, olhando sob uma perspectiva de comparação com outras pessoas e que se veem inseridas em um contexto social de se destacar/conseguir ter um diferencial. Essa necessidade de diferencial justificado pelos autores Segundo Lassance e Sparta (2003) que citados por Texeira e Gomes (2004) afirmam que devido à redução de oferta de emprego e às inovações tecnológicas que transformam o mundo do trabalho é demandado do trabalhador que este seja mais flexível, que obtenha maior repertório de habilidades e competências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, os resultados encontrados com a realização dessa pesquisa foram que há uma correlação positiva entre os universitários adultos-jovens que tendem a concordar com as afirmativas de autopercepção e expectativas negativas tendem a terem porcentagens mais elevadas em relação aos transtornos de ansiedade. Como também, a relação persistente de autopercepção negativa dos universitários de renda mensal mais baixa.

Além disso, verificou-se através do referencial bibliográfico que existem muitos fatores que envolvem as vivências dos estudantes universitários adultos-jovens diante da conclusão do curso. É notório que existe uma valorização da formação no ensino superior onde cada vez mais jovens visam ingressar nas instituições e que também veem na graduação uma forma de independência familiar e/ou padrão de vida confortável. Apesar disso, as demandas do mercado se afunilam selecionando as pessoas capazes de se adaptarem onde há uma responsabilização total pelo fracasso/sucesso desses sujeitos.

É de extrema relevância que existam políticas de melhorias dentro das instituições de ensino superior visto que a formação de um universitário com a autopercepção positiva, conseqüentemente ocasionará profissionais mais confiantes em suas competências e habilidades. E se não existe saúde mental do estudante universitário, pode impactar negativamente a população que possivelmente ofertará os serviços desses futuros profissionais.

Sugere-se aqui nessas instituições a disseminação de serviços e redes de apoio em saúde mental para os universitários de todos os semestres. Como também, para aqueles que são concludentes se faz essencial a implantação de atividades voltadas para a preparação da transição e inserção no mercado de trabalho, possibilitando que esses processos se deem de forma mais saudáveis.

É percebido que o tema dessa pesquisa é bastante específico e possui referencial científico reduzido, sendo assim, se faz importante dar relevância a exploração de questionamentos que surgiram e pontos que essa pesquisa não conseguiu alcançar. Dessa forma, espera-se que esse trabalho sirva como incentivo para a produção de trabalhos e pesquisas da comunidade científica.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BELMINO, M. C. B. **Gestalt-Terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica**. 1. ed. Jundiaí: Paco, 2020.

CASTRO, V. R. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. **Revista Gestão em Foco**, v. 9, n. 9, p. 380-401, 2017. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/043_saude_mental.pdf. Acesso em: 01 de novembro de 2021.

D'AVILA, G. T; SOARES, D. H.P. Vestibular: fatores geradores de ansiedade na “cena da prova”. **Revista brasileira de orientação profissional**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 105-116, dez. 2003. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100010&lng=pt&nrm=iso. acessos em 01 de novembro de 2021.

FERNANDES, M. B. A consulta clínica com pais de adolescentes em Gestalt-Terapia. *In*: ZANELLA, R. **A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais**. São Paulo: Summus, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

JUNIOR, N. S. O Brasil da barbárie à desumanização neoliberal: do “Pacto edípico, pacto social”, de Hélio Pellegrino, ao “E daí?”, de Jair Bolsonaro. *In*: SAFATLE, V.; JUNIOR, N. S. DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 266-310.

LANGAME, A. P; *et al.* Qualidade de vida do estudante universitário e o rendimento acadêmico. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 29, n. 3, p. 313–325, 2016.

Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/4796>. Acesso em: 1 de novembro de 2021.

MARX, K. **Sobre o Suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MELO, S. L.; BORGES, L. O. A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. **Psicologia, ciência e profissão**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 376-395, set. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 de maio de 2021.

MURCHO, N.; PACHECO, E.; JESUS, S. Transtornos mentais comuns nos cuidados de saúde primários: um estudo de revisão. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. 15, p. 30-36. jun. 2016. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602016000100005. Acesso em: 01 de maio de 2021.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PADOVANI, R. C. *et al.* **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 1, n. 1, p. 2-10, 2014. Disponível em: https://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=188. Acesso em: 10 de abril de 2021.

SANTOS, R. M.; SIMÕES, M. O. S. Níveis de ansiedade em alunos concluintes de cursos de saúde. **Revista Eletrônica De Farmácia**, v. 17, n. 1, p. 1-6. mar. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/REF/article/view/51302>. Acesso em: 10 de abril de 2021.

TEIXEIRA, M. A. P; GOMES, W. B. Estou me formando... e agora?: Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. **Revista brasileira de orientação profissional**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 47-62, jun. 2004. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 de março de 2021.

TOMBOLATO, M. C. R. **Qualidade de vida e sintomas psicopatológicos do estudante universitário trabalhador**. 2005. 114 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Curso de Pós-graduação em Psicologia, Pontífica Universidade Católica, Campinas.

VERISSIMO, R. **Desenvolvimento Psicossocial Erik Erikson**. 1 ed. Porto: Medicina do Porto, 2002.